



FABIOLA CORREA/JC

Unindo diferentes disciplinas, filósofo, professor e ensaísta é uma das mentes mais respeitadas da academia gaúcha

Reportagem Especial

Ricardo Timm de Souza e o pensamento em composição

Rafael Gloria

Ricardo Timm de Souza ergue a mão e chama a atenção para os dedos. O quarto, explica, por ser mais “fraco” precisou ser exercitado durante anos para alcançar a quarta corda do violino. O esforço repetido deixou uma curvatura que já não pode ser desfeita. O braço também conserva os efeitos das viagens em que carregava a caixa do instrumento. Décadas depois de abandonar a carreira musical, ele ainda leva a música inscrita no corpo.

As marcas começaram a ser produzidas aos 13 anos, quando passou a estudar violino com um experiente músico judeu-rus-

so. Era considerado um início tardio para quem pretendia seguir carreira, mas a dedicação do estudante alterou a desconfiança inicial do professor. Como morava nas proximidades, o violinista chegava a passar diante da casa da família para escutar da rua se o adolescente estava estudando.

Timm correspondeu à exigência. Mesmo jovem, começou a dar aulas de música em seguida. Depois, estudou composição, regência e outros instrumentos, gravou para o teatro e se apresentou sozinho e em grupos. Em 1985, esteve entre aqueles que participaram da criação da Orquestra do Teatro São Pedro. A disciplina, no entanto, aproxi-

mou-se da obsessão. O perfeccionismo e a tensão das apresentações contribuíram para um período de estresse intenso e para o afastamento dos palcos.

Encontrou o caminho na Filosofia, no ensino, na escrita e na intelectualidade, lecionando na Pucrs, desde 1998. O perfil institucional onde atua, na Escola de Humanidades da universidade, registra 32 livros autorais, outros 32 organizados e aproximadamente 200 artigos, capítulos, traduções e textos. São trabalhos que transitam pela filosofia, estética, literatura, ética, psicanálise, criminologia e crítica social. Timm, entretanto, define-se sobretudo como ensaísta: alguém que encontrou

na escrita uma forma capaz de reunir elaboração conceitual, dimensão poética e sensibilidade artística.

A música, porém, não ficou para trás. “Foi a marca que definiu todo o resto”, afirma. Recordando ao filósofo Thomas Mann, Timm diz que procura escrever da maneira mais musical possível sem utilizar música. O ritmo aprendido com o violino atravessou a filosofia, a literatura, as aulas e os diferentes campos pelos quais circulou como professor e pesquisador. Em seus textos, o conceito não aparece separado da forma: também precisa encontrar cadência, intensidade e composição.

Os reconhecimentos recebi-

dos pelos livros desenharam esse percurso entre áreas. Em 2005, o original de Ocaso: contos de entreluz, sua incursão mais extensa pela ficção, recebeu menção honrosa no Concurso Nacional Sesc de Literatura. Em 2019, Ética do escrever, obra na qual apresenta o que chama de sua teoria pessoal da literatura, foi finalista do Prêmio AGES. Dois anos depois, Crítica da razão idolátrica: tentação de Thanatos, necroética e sobrevivência conquistou o Prêmio Minuano de Literatura e, na sequência, o Prêmio Açorianos, na categoria Ensaio de Humanidades. Em 2023, O pensamento e o outro, o Outro do pensamento chegou à final do AGES. Já Filosofia da escravidão venceu, em 2025, a categoria Não Ficção da mesma premiação.

A sucessão de títulos e prêmios revela uma obra extensa, mas não explica sozinha a amplitude de interesses do autor. Escritor e ex-orientando de Timm, Gustavo Czekster recorda as tardes de conversa no bar da Faculdade de Letras da Pucrs. Falavam livremente sobre os livros que haviam lido, e o professor transitava por Asimov e Cervantes, Kafka e Faulkner, Arthur C. Clarke e Borges “com a naturalidade de quem costuma frequentar esses diferentes autores como se fossem convidados na sua casa”.

Czekster, que prefaciou a nova edição de Ocaso, publicada em 2022, encontrou nos contos histórias que flertam com Kafka e Friedrich Dürrenmatt. Mas foi sobretudo a convivência que o levou a definir Ricardo como um humanista: alguém em quem o conhecimento filosófico, a música, o ritmo, a literatura, a paixão pelos animais e o prazer do debate não aparecem como interesses isolados. A erudição vinha acompanhada de afabilidade, generosidade e disposição para conversar durante horas sobre livros.

A palavra humanista talvez consiga reunir aquilo que os números e as áreas acadêmicas apresentam separadamente. Aos 64 anos, Ricardo Timm de Souza ainda pensa como quem compõe: aproxima tradições, escuta vozes distintas e procura uma forma para aquilo que o inquieta.

Leia mais na página central



Antonio Hohlfeldt

Teatro

a_hohlfeldt@yahoo.com.br

Entre o turbilhão e a solidão

Julio Conte é, hoje, o dramaturgo com maior tempo de atividade em nossa ribalta, além de dirigir ele mesmo a maioria de seus textos. Pois agora ele resolveu, além de escrever um novo espetáculo, interpretá-lo enquanto ator, embora abrindo mão da função de diretor, que entregou para Marcelo Restori, que já fora seu parceiro na montagem anterior, A hora de Erico, a respeito do escritor Erico Verissimo.

A gente precisa tirar o chapéu para Julio Conte: afinal, consagrado enquanto médico psicanalista e reconhecido como dramaturgo e diretor, por que ele precisaria correr o risco, voltar para a planície, tornando-se ator? Simplesmente porque o texto é de autoficção, como se antecipa? Mas se é autoficção, é ficção, nada mais: não é importante, ao menos para o espectador, se algumas das coisas que estarão sendo ditas e/ou mostradas em cena correspondem verdadeiramente a acontecimentos efetivamente ocorridos com ele, dramaturgo e/ou personagem, no caso, intérprete.

Julio Conte já revelara preocupação de maior aprofundamento de seu texto com o ainda recente Latidos, de 2018, e, no ano passado, com o aludido A hora de Erico, que acaba de ser editado em livro (Editora Dionisia - www.bestiario.com.br), contendo, inclusive, valiosa documentação daquela primeira encenação. Com Todas as minhas mortes, o dramaturgo propõe um verdadeiro mergulho em águas profundas. Não interessa se o que ele apresenta é verdadeiro, no sentido da correspondência entre o que ele diz e o que de fato ocorreu em sua vida, mas sim, se é verdadeiro e coerente, dramaturgicamente falando. Todas as minhas mortes causou, a todos que assistiram à estreia da obra, um enorme impacto. De um lado, claro, porque fica aquela provocação: é o ator, o personagem ou o Julio Conte pessoa real que está falando a respeito daquilo?

A resposta é bem simples: certamente deve haver algumas correspondências biográficas com a ficção proposta - afinal, no cenário, temos uma cadeira que o anedotário tradicional identifica com a ação do psicanalista. Mas, neste caso, embora a poltrona exista em cena, ela foi, de fato, deslocada do palco para a plateia, conforme o personagem reconhece em diferentes passagens do espetáculo, quando pede ajuda do público para desenvolver a ação

cênica ou quando, quebrando a chamada "quarta parede" - aquela convenção que separa o palco da plateia e faz com que os personagens ignorem formalmente o público - ele se dirige ao iluminador ou ao sonotécnico e dá instruções a respeito da montagem, como posicionamento de spotlights ou trilha sonora. Ou seja, o dramaturgo Julio Conte está propondo ao público que considere o texto e o espetáculo dele resultante como uma espécie de sessão de terapia, onde o médico é substituído pelo espectador, interagindo todos.

Para o efeito almejado, a cenografia de Luiz Marasca é tão econômica quanto eficiente: uma poltrona, cujo suporte do braço esquerdo é todo fragmentado, inexistindo o suporte do lado direito. Por outro lado, o figurino de Daniel Lion tem como peça central um grosso casacão que vai, ao longo do espetáculo, servir como capote do personagem que é também narrador, mas também se transforma num bebê ou em outros elementos cênicos que vão sendo evocados. Este casacão, diga-se de passagem, parece ter sido criado, ou ao menos customizado para o espetáculo, pois seu forro, aparentemente de seda, está ilustrado com diferentes imagens do que poderiam ser passagens da biografia do personagem.

A trilha sonora de Marcelo Restori, cuidadosamente pesquisada, é outro destaque simbólico. Na abertura, parece-me ser obra de Phillip Glass, de ritmo intenso e como que turbilhante, antecipando os acontecimentos da vida que se verão no palco, encerrando-se, porém, com uma contundente e triste passagem da ópera Rinaldo, de Haendel, a ária Lascia ch'io pianga (obrigado, Flávio Leite), com base no poema Jerusalém libertada, de Torquato Tasso (a ária é entoada por Almirena, prometida do herói Rinaldo, que foi raptada por artes de magia pelo sarraceno Argante e chora suas dores e saudades). Na peça, que assim se encerra, é como se o narrador se lastimasse a respeito de tudo o que sofreu e enfrentou ao longo da vida. A obra, deste modo, se encerra num dolorido suspense, de enorme contundência.

Em síntese, Todas as minhas mortes é uma revelação do dramaturgo e do ator, mas, sobretudo, a reafirmação do artista Julio Conte. Um dos grandes momentos das artes cênicas da cidade neste ano.

ALEX CARVALHO/REDE GLOBO/DIVULGAÇÃO/JC



Atriz gaúcha morreu na última terça-feira, aos 91 anos, deixando inesquecível legado na televisão

Saiba o nome verdadeiro e outras curiosidades da vida de Glória Menezes

Glória Menezes é um nome conhecido em todos os cantos do território nacional, porém não consta nos documentos oficiais da atriz, morta nesta terça-feira no Rio de Janeiro. Uma das grandes damas da TV brasileira, a atriz adotou a alcunha ainda no início de sua carreira, como conta Isabela Faggiani para a Folhapress.

Nascida Nilcedes Soares de Magalhães, ela explicou que o nome de batismo vem de da junção dos nomes do pai, Nilo, e da mãe, Mercedes. "Um nome que não é um nome, é uma coisa", brincou, em entrevista ao site Memória Globo.

"Eu tive que trocar. Resolvemos botar Glória, porque Glória é Glória em qualquer idioma. E Menezes, por causa das minhas raízes portuguesas e porque completa treze letras. Dá sorte", explicou.

Nascida em Pelotas, no Rio Grande do Sul, em 19 de outubro de 1934, Glória se mudou para São Paulo aos seis anos de idade e fez carreira na capital paulista. Apesar de não ter terminado o curso, a atriz pode ser considerada uma uspi-

na. Ela ingressou na Escola de Artes Dramáticas da Universidade de São Paulo (USP) e lá fundou o grupo de teatro amador Jovens Independentes.

Apesar de não ter concluído os estudos, Glória foi eternizada na história do audiovisual brasileiro logo em seus primeiros anos de carreira. Em 1962, protagonizou o filme O Pagador de Promessas, de Anselmo Duarte - primeiro e único filme brasileiro a vencer a Palma de Ouro no Festival de Cannes.

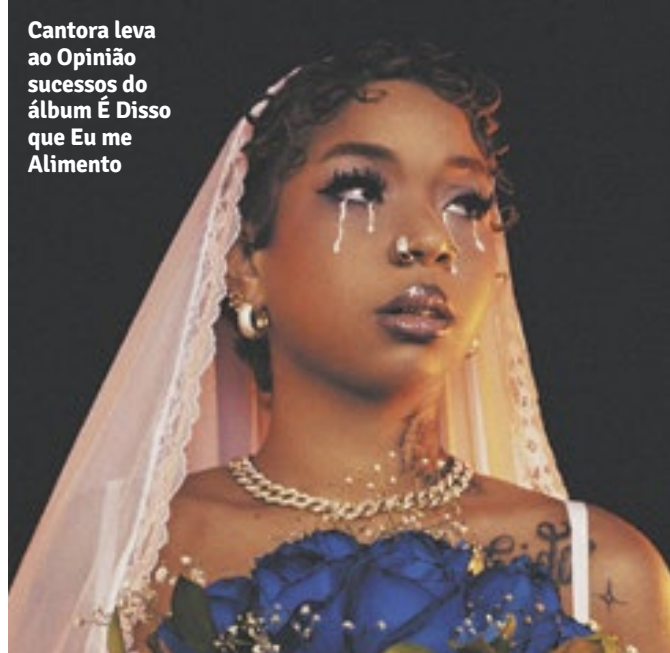
Pioneira, Glória estreou a primeira novela diária da TV brasileira, 2-5499 Ocupado, em 1963, na TV Excelsior, ao lado do amado, Tarcísio Meira (1935-2021). Os dois se conheceram em 1959 e se casaram em 1962, protagonizando um dos matrimônios mais longevos entre artistas brasileiros.

Antes de conhecer Tarcísio, porém, Glória se casou aos 18 anos com um primo, por arranjo da família. Da união, que durou poucos anos, nasceram os dois primeiros filhos da atriz, João Paulo e Maria Amélia. O caçula, Tarcísio Filho, é fruto de seu segundo casamento.

fique ligado

NandaTsunami se apresenta pela primeira vez em Porto Alegre

BEATRIZ PANNAIN/DIVULGAÇÃO/JC

Cantora leva ao Opinião sucessos do álbum *É Disso que Eu me Alimento*

A cantora NandaTsunami faz sua estreia em Porto Alegre nesta sexta-feira, às 20h, no Opinião (José do Patrocínio, 834), com a turnê do álbum *É Disso que Eu me Alimento*. Revelação do hip hop brasileiro desde 2024, a artista soma mais de 3 milhões de ouvintes no Spotify e leva ao palco sucessos como P.I.T.T.Y. (Parecendo uma Cafetina), Oi Linda e Pq Vc Não Me Liga?. Os últimos ingressos disponíveis estão à venda a partir de R\$ 150,00 pelo Sympla.

Nascida em São Paulo, a rapper de 26 anos constrói sua identidade a partir da fusão entre hip hop, trap e funk, com composições que refletem experiências pessoais e abordam temas ligados ao cotidiano, à autoestima e ao autoconhecimento. Após o EP *Tsunami Sessions*, de 2024, o novo álbum, lançado em julho do ano passado, consolidou a presença de Nanda Tsunami no rap nacional.

Banda Valente lança novo álbum no palco do Opinião

FABRÍCIO SIMÕES/DIVULGAÇÃO/JC

A banda de rock gaúcho Valente apresenta show de lançamento de *Caminhos Abertos*, segundo álbum de estúdio do grupo, neste sábado, às 21h, no Opinião (José do Patrocínio, 834), após hiato de seis anos. No palco, Raoni Forian (vocal e guitarra), Raoni Santos (baixo) Raynê Forian (teclado) e Marcelo Koch (bateria), executam repertório que intercala faixas inéditas, singles novos, como *Fronteira* e *Elevador*, e sucessos da carreira, entre eles *Insosego* e *Teu Ser*. Os ingressos variam entre R\$ 60,00 e R\$ 120,00 pela plataforma Sympla.

Formada em 2008 na Região Metropolitana de Porto Alegre, a Valente ganhou projeção nacional em 2016 ao participar do rea-



Caminhos Abertos, segundo disco do grupo, é base do show neste sábado

lity musical SuperStar, da Rede Globo. O novo disco, com lançamento previsto pelo selo Imã Records para o segundo semestre, aproxima influências como

Jeff Buckley, Radiohead e Beatles; além de marcar a volta do quarteto depois de um período afastado dos palcos para se dedicar a projetos audiovisuais.

Poemas-pílula em pré-lançamento no Millôr Day

O livro *Sem pé nem cabeça - poemas-pílula*, de Breno Serafini e Luís Augusto Lopes, ganha pré-lançamento nesta sexta-feira, às 19h, na Sala Jacarandá do Centro Cultural da Ufrgs (Eng. Luiz Englert, 333), durante a quarta edição do Millôr Day/Dia do Humor, tributo a Luis Fernando Verissimo. A obra reúne micropoemas que têm o cotidiano como tema central, com doses de humor e picardia. A atividade tem entrada franca.

Antes do lançamento, o especial *Viva Verissimo*, organizado por Abrão Slavutzky e Breno Se-

rafini, reúne a jornalista Fernanda Verissimo, o artista gráfico Edgar Vasques e o músico e escritor Arthur de Faria em um encontro com histórias, curiosidades sobre o homenageado e música. Pós-doutor em Letras pela Ufrgs, Breno Serafini pesquisa a relação entre humor e ideologia e já publicou obras como *Millôres dias virão*, ensaio de 2013 sobre a trajetória de Verissimo. Já Luís Augusto Lopes é formado em Letras pela Ufrgs e atua como revisor profissional há quase três décadas, estreando agora na publicação de poesia.



Livro de Luís Lopes e Breno Serafini estará no Centro Cultural da Ufrgs

AGENDA

SEXTA-FEIRA, 21 DE AGOSTO

- 🕒 **15h30min** - Clube do Livro Banrisul 60+ conversa com Anna Mariano sobre romance *Murmúrios da Terra*. Mediação de Lu Thomé. Transmissão livre pelo canal do Banrisul Cultural no YouTube.
- 🕒 **19h** - Mel Souza e Marietti Fialho unem gerações da música gaúcha, com repertório do samba ao blues, no projeto *Horacina Corrêa* convida. No Teatro Oficina Olga Reverbel (Riachuelo, 1.089). R\$ 40,00 no site do Theatro São Pedro e na bilheteria do Multipalco.
- 🕒 **Das 19h às 01h** - Segunda edição da festa *Mães na Pista*, exclusiva para mães e suas amigas no Fuga Bar 4º Distrito (Álvaro Chaves, 91). R\$ 120,00, em terceiro lote, no Sympla.
- 🕒 **19h30min** - Espetáculo *Gretel* reinventa conto dos irmãos Grimm no Goethe-Institut (24 de Outubro, 112). A partir de R\$24,00 pelo site sesc-rs.com.br/espeticulosculturais.
- 🕒 **20h** - Polara retorna a Porto Alegre após sete anos para lançar o vinil de *Partilha*. No Caos Poa (João Alfredo, 701), com bandas de abertura Um Oceano, Pianocoquetel e Meu Lado Caótico. Ingressos em último lote no site do Caos por R\$ 60,00.
- 🕒 **21h** - Tagua Tagua revisita canções de seus três álbuns no Espaço 373 (Com. Coruja, 373). Entre R\$ 50,00 e R\$ 100,00 no Tri.RS.
- 🕒 **21h** - Kiti Santos & Marisa Rotenberg realizam show cênico *Aos Trancos e Barrancos*, que une comédia e música brega-pop no Café Fon Fon (Vieira de Castro, 22). R\$ 40,00, antecipados em (51) 99880-7689; na hora, R\$ 50,00.
- 🕒 **22h** - Pré-lançamento de *Sopapo Beat*, novo CD da Bataclã FC, em show no Espaço 512 (João Alfredo, 512). R\$ 20,00, no site.

SÁBADO, 22 DE AGOSTO

- 🕒 **11h** - Espaço Cultural HPM (João Amorim de Albuquerque, 72) abre mostra *Tempo Gravado*, com xilogravuras de Arlete Santarosa. Visitação de segunda a sexta-feira (10h-18h), entrada franca.
- 🕒 **19h** - Espetáculo *Multiverso de Marias*, no Teatro Oficina Olga Reverbel, celebra a união de universos femininos retratados nas obras de Astor Piazzolla e Arthur Barbosa. Repete domingo, às 19h. Ingressos no site da casa por a partir de R\$ 25
- 🕒 **19h** - Tributo a David Bowie com a banda Ziggy Stardust na calçada do Bárbaros Cervejas Especiais (Ramiro Barcelos, 1792). A banda conta com Marcelo Astiazara, Gabriel Guedes, Pedro Petracco, Mumu e Eliêser Lemes. Entrada franca.
- 🕒 **19h** - A banda Pata de Elefante toca no Bar Tutti Giorni (Av. Borges de Medeiros, 710). Entrada franca.
- 🕒 **20h** - Grupo Expresso 25 toca *Tom Jobim* em formato de arena no Centro Cultural 25 de Julho (Germano Petersen Junior, 250), dentro das celebrações dos 75 anos do espaço. Entre R\$ 45,00 e R\$ 100,00, no site Tri.RS ou na recepção do centro cultural.
- 🕒 **20h** - Novo espetáculo do Uta Teatro, *A Filha da Terra* e o Filho do Dono investiga a escravidão no sul do Brasil. No Galpão Floresta Cultural (Conselheiro Travassos, 541). Entrada franca, com retirada de senhas 1h antes da apresentação. Repete domingo, 20h.
- 🕒 **20h** - Peça *O Rapto de Perséfone* narra, de forma poética, o mito grego que explica a lei cíclica da vida por meio da imagem das quatro estações. No Teatro Simões Lopes Neto (Riachuelo, 1.089). Ingressos no site do Theatro São Pedro, a partir de R\$ 50,00. Repete no domingo, às 18h e às 20h30min.
- 🕒 **21h** - Recital *Tinkunakama* - Cantos do Sul da Terra, com Demétrio Xavier. No Café Fon Fon (Vieira de Castro, 22). A partir de R\$ 40,00, antecipados em (51) 99880-7689.
- 🕒 **21h** - Espetáculo sinfônico *Led Zeppelin In Concert* revisita obra do lendário grupo britânico em arranjos que aproximam o rock pesado do universo erudito. No Auditório Araújo Vianna (Osvaldo Aranha, 685). A partir de R\$ 80,00, no Sympla.

DOMINGO, 23 DE AGOSTO

- 🕒 **17h** - Projeto *Sonoridades* apresenta Alessandra Leão e Sapopemba, explorando o mangue beat e a diversidade musical afrobrasileira. No CHC Santa Casa (Independência, 75). Evento com audiodescrição. Gratuito, mediante reserva no Sympla.
- 🕒 **18h** - Selo Rocha Dura comemora 20 anos com festival de rock autoral no Divina Comédia (República, 649). Shows de Cabala, Frau, Jéssica Jennifer & A Banda Maravilhosa, Jimi Barba e Os Temperados. R\$ 25,00, antecipados em lets.events; R\$ 35,00 no local.
- 🕒 **19h** - Mônica Salmaso em *Senhora das Canções* - um tributo a Elizeth Cardoso. No Teatro do Bourbon Country (Túlio de Rose, 80). A partir de R\$ 60,00 pelo uhuu.com ou na bilheteria do teatro.
- 🕒 **20h** - Maurício Chaise toca *Locomotores* no Bárbaros Cervejas Especiais (Ramiro Barcelos, 1792). Entrada franca com colaboração espontânea.

reportagem cultural

Fisgado pelo outro

Rafael Gloria, especial

Ricardo Timm de Souza nasceu na cidade de Farroupilha em 1962. Mas muito jovem veio com a família para Porto Alegre, onde se estabeleceram. Os pais, servidores da Secretaria da Fazenda, eram leitores. “Eu nasci meio a bibliotecas e livros. Então, nunca tive escolha”, brinca. A mãe gostava especialmente de poesia, decorava versos e os recitava para os filhos.

Ele conta que começou a ler por volta dos 3 ou 4 anos. Daquele período, guarda a sensação de “uma estupefação frente ao mundo”, um espanto que procurava acompanhar nas páginas. Entre as primeiras leituras, Robinson Crusoe permaneceu na memória por causa de uma cabra. Ricardo lembra do choque ao descobrir que o animal que acompanhava o personagem havia morrido e fora substituído por outro. “Impacto semelhante eu tive anos depois quando li o conto A Vaca, do Scliar, onde o personagem na ilha deserta vai cortando os pedacinhos dela para poder se alimentar e sobra só o olho, daí ele só vê uma lágrima no olho. É genial”, diz.

Quando decidiu estudar Música, recebeu o apoio do pai. “Eu sou trineto do Visconde de Mauá e a maioria dos filhos e descendentes dele eram da área

da economia, gente ligada a esse campo. Quando eu disse ao meu pai que faria faculdade de Música, ele achou bom que eu fosse fazer algo diferente”, diz.

Depois de se afastar da música, Timm acabou ingressando no curso de licenciatura em Estudos Sociais, na Pucrs, criado para complementar a formação de professores. No currículo havia uma disciplina de Filosofia. Ao perceber o interesse do estudante, um dos professores lhe aconselhou a trocar de curso: “Tu nasceu pra Filosofia”. Ele seguiu a recomendação.

O novo caminho lhe pareceu menos tenso, diferentemente da performance musical. “Ao mesmo tempo, quando eu cheguei na Filosofia, tudo era uma espécie de déjà-vu”, conta. Ele chegou a se cansar do curso, pois muitas leituras já haviam sido feitas na época da Música. Foi então que um pensador ainda pouco conhecido no Brasil o alcançou.

Timm conheceu o trabalho de Emmanuel Levinas a partir de uma atividade em uma aula de Antropologia Filosófica. O filósofo lituano-francês propunha que o sujeito não se constitui apenas a partir de si. “Fui fisgado por esse autor, que provoca o choque, o trauma de perceber que tu não és a tua projeção; que existe algo capaz de quebrar o teu universo de

referências e que, a partir disso, tu precisas te reconstruir, criar e descrever como sujeito. Para Levinas, o sujeito só se constitui quando assume a responsabilidade de ser sujeito em função da resposta que dá ao outro que chega. E aí, é claro, há toda uma teoria, dezenas de livros e muitas outras coisas”, explica.

Por volta de 1989, enquanto fazia o mestrado, ele enviou uma carta ao filósofo. Levinas respondeu, e Timm conserva até hoje a correspondência recebida. Em 1992, já no período do doutorado na Alemanha, encontrou-o durante um dos cursos que o filósofo ainda oferecia na Europa. Era inverno. O professor recorda duas figuras pequenas: Levinas e a esposa, protegidos por casacos, em meio ao tempo nublado.

Enquanto outras pessoas levavam para Levinas autografar livros conhecidos, como Totalidade e infinito e De outro modo que ser, Timm escolheu uma entrevista na qual o filósofo falava sobre arte com o escultor Sacha Sosno, que criava obras deliberadamente inacabadas, que se modificavam continuamente conforme a iluminação. Timm conta que ao receber o material, Levinas demonstrou surpresa. “Mas isso tudo é muito novo”, estranhou. “Esse é o meu interesse”, respondeu o brasileiro. A questão estética já o perseguia em seus estudos e interesses.



Colegas elogiam a serenidade e a generosidade intelectual do filósofo

Um professor formado por encontros

Quando voltou da Alemanha, Timm recebeu convite para atuar como visitante na então Fundação Universidade do Rio Grande. No Departamento de Educação, integrou o grupo que implantava uma pós-graduação em Educação Ambiental, articulando Oceanografia e humanidades.

Ele retornou à Pucrs em 1998. Começou na graduação em Filosofia e também trabalhou em Ciências Criminais, na pós-graduação e na assessoria de ética em pesquisa. Em 2010, passou a atuar na Letras, quando a Escrita Criativa ainda se consolidava como área acadêmica. Desde então, também leciona e orienta nessa área.

A música também está presente nas aulas de Estética ministradas por Timm. Ele conta que, em 2002, costumava levar o violino e tocar para os estudantes. Anos depois, um antigo aluno, hoje seu colega de profissão, relembrou aquelas apresentações. “Isso marcou as pessoas, porque era algo diferente”, afirma. Para o professor, a Estética tem a função de reforçar dimensões como a sensibilidade e o êxtase. “Não é incomum, por exemplo, que alunos caiam em lágrimas. Muitos nunca ouviram uma obra musical mais longa, nunca viram uma orquestra. Isso não faz parte do dia a dia das pessoas, mesmo de quem chega ao curso de Filosofia, que já é gente muito específica”, diz.

Segundo Timm, alguns estudantes ingressam na graduação por serem seminaristas e precisarem cursar Filosofia; outros chegam porque escolheram aquela formação. “Há jovens estudantes que desejam seguir a formação e pessoas que já possuem uma vida profissional estabelecida, mas sempre quiseram estudar Filosofia”, diz.

“Já lecionei para psicanalistas, advogados, médicos,

bombeiros, profissionais da segurança pública, escritores e pesquisadores de outros países”, enumera o professor. A variedade lhe interessa porque cada experiência desloca o debate e impede que a filosofia permaneça restrita a um único tipo de trajetória.

Ele conta mais de 60 dissertações de mestrado e 40 teses de doutorado orientadas, além de trabalhos de graduação e especialização. Brinca que já tem filhos, netos e bisnetos acadêmicos: antigos alunos formaram novos pesquisadores e abriram programas de pós-graduação em outras universidades.

O professor Agemir Bavaresco, colega na Pucrs, diz que a presença de Timm ultrapassa a produção acadêmica. Ao longo de décadas, afirma, ele formou gerações pelo rigor filosófico e também pela “coerência entre pensamento e vida”. Bavaresco destaca a generosidade intelectual, o diálogo e a serenidade com que Timm acolhe interlocutores de diferentes formações e perspectivas.

Em 2022, Bavaresco, Evandro Pontel e Jair Tauchen organizaram a publicação Tangências do indizível: Festschrift para marcar os 60 anos do filósofo. Segundo Bavaresco, as contribuições vindas de diferentes áreas do pensamento mostra o alcance de sua influência intelectual e também “o respeito e o afeto que conquistou ao longo de sua caminhada”.

Timm costuma dizer que é resultado do que recolheu ao longo da vida. Aprendeu com professores, estudantes e pessoas encontradas fora da universidade. “Quanto maior a pessoa, mais simples é. Mais transparente, menos complicada, mais direta”. É a medida que leva para a sala de aula. “Eu fui coletando essa experiência ao longo da vida. Sou o resultado de tudo isso”, aponta.



Ricardo Timm de Souza começou na música, mas foi na filosofia e na vida acadêmica que encontrou seu lugar

Ouvir o que o texto quer dizer

Timm não começa um livro estabelecendo todos os limites. Seu processo de escrita segue o que chama de lógica do ensaio como forma, a partir de Theodor Adorno. Por isso, procura não estabelecer antecipadamente todos os limites do trabalho. “Eu vou escrevendo, vou procurando ouvir o que o texto quer que eu faça com ele”, diz. Essa escuta costuma começar com uma ideia que permanece durante algum tempo até encontrar uma forma. “Para mim, o processo de construção do texto é um convite à vida. Eu convido o texto a aparecer e o texto, de algum modo, me autoriza nesse processo. De repente, a coisa encaixa”, aponta.

O processo não obedece a uma rotina. Quanto mais se força o texto, acredita, menos ele avança. “Não é alguma coisa que eu decida: hoje vou fazer de tal hora a tal hora. Isso não existe.” Timm diz que é noturno e, quando o trabalho o absorve, perde a medida das horas. “Às vezes, eu me esqueço da vida. Vou ver, são 4, 5 horas da manhã e eu estou lá fazendo as coisas”, diz.

A música também atravessa essa investigação. Timm cita Schopenhauer e Adorno entre os

filósofos que dedicaram atenção especial a essa linguagem. Para ele, esse domínio modifica a maneira como o filósofo escreve sobre o assunto e se aproxima de sua própria experiência de pensar a escrita a partir da composição. Ao reler os próprios livros, Timm reconhece as transformações em sua escrita. Por vezes, percebe nos trabalhos anteriores um estilo barroco, marcado por uma tentativa de transportar para a página a intensidade da fala. “Era como se estivesse performando. E, no texto, não precisa. Demorei a amadurecer o suficiente para lidar com isso”, comenta.

O ensaio tornou-se sua forma principal porque lhe permite reunir pensamento, elaboração artística e poética. Em Ética do escrever, livro que define como sua teoria pessoal da literatura, aproxima o ensaio da literatura em sentido estrito e pensa a escrita como um ato ético. Para ele, escrever não é apenas dominar uma forma: envolve responder àquilo que pede passagem para a linguagem sem transformar inteiramente a experiência em objeto controlado pelo autor.

Quando adolescente, Timm



Ricardo Timm de Souza: ‘eu convido o texto a aparecer e ele, de alguma forma, me autoriza’

escreveu um romance nos antigos livros de registros levados para casa pela mãe depois que perdiam a validade na Secretaria da Fazenda. Havia páginas riscadas de um lado e livres do outro, usadas pelos filhos para desenhar e escrever. O romance foi concluído e depois jogado

fora. Anos mais tarde, ele ainda publicou contos em coletâneas e revistas.

Sua incursão mais extensa na “literatura pura”, como chama, é Ocaso: contos de entreluz. O original recebeu menção honrosa no Concurso Nacional Sesc de Literatura de 2005. Uma

nova edição, lançada em 2022, ampliou o conjunto. Timm gosta da concentração exigida pelo gênero e cita Horacio Quiroga, Julio Cortázar e Charles Kiefer entre suas referências. No conto, acredita, não há muito espaço para justificativas: “Ou tu acertas ou não acertas”.

O que ainda precisa ser dito

Depois de mais de três décadas de trabalho, Ricardo Timm de Souza vê a sua futura obra sobre estética da alteridade como a coroação de seu percurso especulativo. Não significa necessariamente abandonar a escrita, mas reconhecer que um autor corre o risco de se repetir. “A gente não tem dez boas ideias. Tem uma, duas, talvez três, e escreve sobre elas em muitos lugares.”

Aos 64 anos, ele resume a relação entre projetos e o tempo disponível recorrendo a uma expressão latina: ‘Ars longa, vita brevis’. Ideias não faltam, mas há uma distância considerável entre concebê-las e transformá-las em livros. No caso da estética da alteridade, entretanto, o percurso já começou há muito tempo. “Tudo o que eu fiz até agora foi uma preparação para isso”. A obra retoma a pergunta que o acompanha desde o encontro com Levinas. Se a alteridade costuma ser pensada entre pessoas, Timm quer levá-la para a estética.

Esse projeto deverá reunir e levar adiante algumas das questões centrais de sua trajetória. Mas Timm indica outra porta de entrada para sua produção: Sobre a construção do sentido, introdução à filosofia que se tornou seu pequeno best-seller e chegou a

ser utilizada no Ensino Médio e em vestibulares.

A reflexão filosófica também se mistura à vida fora da universidade. Para a capa de Tangências do indizível, livro em sua homenagem, Timm escolheu uma fotografia feita por ele em São Francisco de Paula. A imagem mostra uma árvore que conhece desde que consegue se lembrar. “É o meu lugar favorito”, diz. Lá, ele procura passar pelo menos uma semana por ano e escreveu alguns dos contos de Ocaso. “É o meu refrigerio da alma.”

Outro interesse seu é o aquarismo. Mantém um aquário de 400 litros e, movido pela curiosidade, estuda peixes e microbiologia. Grande parte do fundo é ocupada por plantas, formando regiões que não podem ser inteiramente observadas. “De repente, aparece um filhote de peixe que eu pensava estar morto. Não sei quanto tempo ele estava escondido no fundo (do aquário)”.

Entre os livros que ainda deseja escrever e as formas de vida que resistem à observação, Timm reconhece que permanece cercado pelo inesperado, inclusive quando volta o olhar para si mesmo. “Às vezes, parece que eu me conheço menos do que já me conhecia.”

Alguns livros de Ricardo Timm de Souza

► **Totalidade & desagregação: sobre as fronteiras do pensamento e suas alternativas** — Edipucrs, 1996.

► **Existência em decisão: uma introdução ao pensamento de Franz Rosenzweig** — Editora Perspectiva, 1999.

► **Sobre a construção do sentido: o pensar e o agir entre a vida e a filosofia** — Editora Perspectiva, 2003

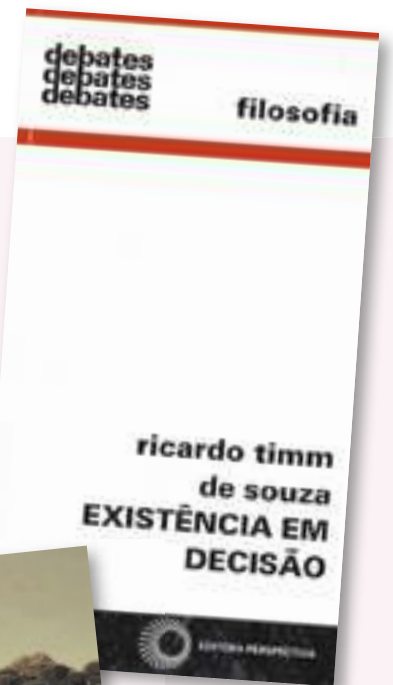
► **Ética do escrever: Kafka, Derrida e a literatura como crítica da violência** — Editora Zouk, 2018

► **Crítica da razão idolátrica: tentação de Thanatos, necroética e sobrevivência** — Editora Zouk, 2020.

► **Ocaso: contos de entreluz** — primeira edição pela AGE, em 2009; segunda edição, ampliada, pela Editora Zouk, em 2022.

► **O pensamento e o outro, o Outro do pensamento: a questão da alteridade em configurações contemporâneas** — Editora Zouk, 2022.

► **Filosofia da escravidão** — Editora Zouk, 2024.



* **Rafael Gloria** é jornalista, mestre em comunicação (Ufrgs), mestrando em Escrita Criativa (Pucrs) e diretor-executivo da Associação Cultural Nonada Jornalismo

palavras cruzadas diretas



Filme de Anita Leandro, Anistia 79 mistura passado e presente

Imagens inéditas da luta por anistia

Anistia 79, de Anita Leandro, chega aos cinemas revisitando a história de 11 pessoas que passaram pelo Conferência Internacional pela Anistia no Brasil, realizada pelo Sennato italiano em Roma, em junho de 1979. O documentário reúne imagens inéditas que estiveram guardadas por quase meio século, até que a diretora encontrasse os registros, em uma biblioteca da Universidade

de Nanterre, arredores de Paris. O longa nos transporta para o evento que reuniu centenas de exilados brasileiros e defensores de direitos humanos de diversos países, engajados na luta pelo fim da ditadura. Anistia 79 mostra o material a pessoas que aparecem nas imagens e registra suas reações diante desses vestígios, abrindo um diálogo entre passado e presente.

Sexto filme da franquia Sobrenatural

Sexto filme da consagrada franquia de horror, *Sobrenatural: Agora Entre Nós* adiciona um novo capítulo ao aterrorizante universo criado por James Wan e traz o retorno da icônica parapsicóloga e médium Elise Rainier (Lin Shaye) em mais uma empreitada contra demônios. Dirigida por Jacob Chase, a história

acompanha Gemma (Amelia Eve), uma jovem mãe que cria sua filha na casa onde cresceu, em uma vizinhança aparentemente tranquila. A normalidade é interrompida quando Gemma descobre que consegue viajar para o reino purgatorial das almas perdidas e trazer de lá seres obscuros para o mundo real.

Novo longa-metragem de Gus Van Sant

Após sete anos longe das telonas, Gus Van Sant retorna aos cinemas com *Refém* por um fio. O longa traz a história real de um homem que sequestra o filho de um magnata dono de banco e o mantém refém com o pescoço amarrado por um fio que passava pelo gatilho de uma escopeta e pelo corpo do algoz. Com

nomes como Al Pacino, Dacre Montgomery e Bill Skarsgard o thriller eletrizante reconta a história ocorrida em Indianápolis nos anos 1970 e que transformou o sequestrador em um herói fora da lei entre o público norte-americano. O longa estreia nos cinemas brasileiros neste final de semana.

www.coquetel.com.br

© Revistas COQUETEL

Pintor flamengo de "O Casal Amalfini", do período gótico		Diosa grega		Semente natalina		Cronometragem que antecede o lançamento da fogante			
Aglomeração	tardio (1434)	Tribunal formado por um legado papal		Astutino (símbolo)		Votos (!?): são computados, mas não têm validade na eleição			
Recurso de apelo para ilustrar seus projetos		Atmosfera		Deus, em italiano		Atividade dos gladiadores no Coliseu (Ant.)		Número inteiro indeterminado	
E sagrada, na Índia				Forma usual de suvens protoplatônicas (Ast.)		Igor Stravinsky, compositor		Grama (símbolo)	
								Começo; princípio	
				Documento compromissor					
Rio dos Estados do Pará e Amapá		Atua como o procrastinador				Concelho geral que fundamenta o pensamento e a ação (Filos.)			
					(?) em si: reconhecer seus erros				
Antepassados das infâncias		Um dos golpes da capoeira		Oportunidade					
Resultado que ocasiona o reforço positivo, no Behaviorismo				Divisão do círculo					
	Divindade cultuada pelos dervixes		Perguntar, em inglês	A mulher oprimida pelo talibã	Mitologia (abrev.)		"(?) na Área", programa do SportTV		Fruto exportado pela Vietnã
			Companheira						
Ratinho detetive de antigo desenho animado de Hanna-Barbera		Fábria (?), divisões demográficas							
Segundo romance de Machado de Assis (1874)					A 23ª festa grega		James Nory, cineasta dos EUA		
					Musa de Dali				

BANCO — do — psi. 4/jan. 7/bapso. 8/jan. 10/jan van ryck.

3

[illegible]

Horóscopo

Gregório Queiroz / Agência Estado

Áries: Um dia difícil, na medida em que você se vê na situação de ter que contrariar desejos e afinidades. Tudo em nome da afirmação de critérios e valores mais bem estruturados.

Touro: Não adianta ter uma boa estrutura de trabalho, é preciso colocá-la para render. É preciso disciplinar-se mais nos hábitos corpóreos.

Gêmeos: Perceba a grande importância que tem hoje a correta comunicação de seus sentimentos e do que se passa com você. Momento para aprender a ser objetivo.

Câncer: Você pode ter que abrir mão dos pequenos prazeres domésticos em nome de obrigações de trabalho. Dificuldades domésticas lhe deixam aborrecido e mal humorado.

Leão: Momento para se aproximar dos amigos e viver suas afeições em toda a sua extensão, inclusive nas responsabilidades e compromissos que foram criados.

Virgem: As restrições materiais que possam estar acontecendo, tendem a ser passageiras. Mas é preciso se adequar ao momento de limitação, evitando esbanjar o que não tem.

Libra: As pessoas podem não dar muita bola, ou mesmo rejeitar, os seus desejos e manifestações emocionais. Como isso pode lhe magoar, seja cauteloso.

Escorpião: É tempo de rever o modo de pensar, na medida em que possam estar mostrando deficiência ou inadequação. Certo afastamento das pessoas pode ser resultado disso.

 **Sagitário:** Um dia para se unir mais à pessoa amada, criando laços de confiança, por meio de atuações conjuntas. É tempo de ser mais participante no casamento e nas associações.

Capricórnio: Algum tipo de bloqueio ou frustração no trabalho faria você duvidar do valor dos caminhos traçados. Perceba se poderia se adequar melhor à realidade que a vida lhe apresenta.

 **Aquário:** A afirmação franca e decidida dos sentimentos tende a ser favorável ao relacionamento amoroso. Mais uma chance para mostrar o que pensa e o que sente à pessoa amada.

Peixes: Dedique-se a seus bens materiais e cuide muito bem do que você tem. Não cobice o que é dos outros, achando que é melhor o que eles têm.



Jaime Cimenti

Livros

jcimenti@terra.com.br

Fábula cômica e perturbadora

Vivemos em meio a toneladas de informação e, ao mesmo tempo, envoltos em pouco conhecimento e sabedoria verdadeiros. Umberto Eco disse que as redes sociais deram voz a uma legião de imbecis, que antes falavam bobagens e superficialidades apenas nas mesas dos bares, depois que a bebida tinha destravado suas línguas.

O século dos imbecis (Biblioteca Azul - Editora Globo, 344 pág, R\$ 61,00), romance mais recente de Valter Hugo Mãe, premiado e consagrado escritor, artista plástico, apresentador de televisão e cantor angolano, construiu uma fábula tão divertida quanto inquietante sobre essas e outras questões essenciais do mundo contemporâneo.

No alto das montanhas de um local fictício, num tempo indefinido, num palacete vive Agilulfo, o excêntrico Marquês da Malandrinha, inicialmente solteiro e depois em companhia de sua companheira, a Marquesa. Com a prosa lírica e singular que o caracteriza,

o autor, que já publicou vinte e cinco livros, mescla com habilidade de realismo mágico, humor afiado e reflexão filosófica para contar que o Marquês, sempre que sobe mais as montanhas se torna mais lúcido e brilhante. Quando desce e se aproxima do vilarejo e do mar, Agilulfo emburrece.

O Marquês desperta paixões, ressentimentos e ambições. Ao seu redor vai se desenrolando uma trama de luxúria, inveja, vergonha, ganância, empatia, solidariedade e estupidez. Tudo demasiadamente humano. A narrativa ataca o passado dos detentores do poder, faz crítica ao fascínio coletivo pela ignorância, ao modo como a burrice virou espetáculo com plateia e reflete sobre pessimismo, Deus e os emigrantes, por exemplo.

Os personagens de nomes esquisitos como Paciasso, Martinbon, Omobon e Omobestia, são tipos que seguem por aí, entre nós, atualmente. A Marquesa apresenta contradições bem humanas e a Criada é a única que compartilha



a verdadeira intimidade do casal, os silêncios, as fraquezas e os segredos da casa.

O autor mostra a decadência de uma elite sem futuro, descendente de ladrões e criminosos, que mataram, escravizaram e trouxeram ouro do Brasil, mas tudo com fina ironia, humor, hábil construção narrativa e linguagem requintada.

e palavras...

NEM VENCIDOS, NEM VENCEDORES: UTÓPICOS

Nesses nossos tempos escafobéticos e apocalípticos em que até os jovens, os artistas e os escritores adoram curtir uma distopia básica, falar em paz, união, utopia da boa e fim de polarizações deletérias pode parecer fora de moda, ultrapassado, inútil e dinossáurico. Sobre utopias, aliás, escreveu o passarinho imortal Mário Quintana: "Se as coisas são inatingíveis... ora! / Não há motivo para não querê-las/ Que tristes os caminhos, se não fora/ A mágica presença das estrelas."

Nosso mundo marcado por polarizações, com dezenas de guerras e milhares de conflitos e nosso Brasil atormentado pela polarização destruidora que nos assola há décadas não nos deixam espaço para muita esperança. Essas próximas eleições aí estão marcadas pelo medo, pela descrença e pelo difícil futuro político, financeiro, econômico e social que o próximo presidente, seja quem for, vai ter que encarar. Nas campanhas o papo repetido é de redução de gastos, desenvolvimento econômico, menos impostos, ênfase na segurança e na educação e tal. Nem adianta ligar o promessômetro, que a gente nem precisa ser vidente pra saber como será o amanhã. A gente já viu o filme.

Pois mesmo com esse planeta e esse país do que jeito que estão, temos que seguir adiante. É o que temos. O melhor caminho seria o de pensar em rumos onde não houvesse vencedores e nem vencidos após as eleições e caminhos para pacificar o globo. A inclusão de países, sociedades, grupos e pessoas numa ordem mundial mais pacífica e equilibrada seria evidentemente o melhor. O

sonho é antigo, a utopia também, mas em alguns lugares como a Escandinávia, o Japão, a Austrália, Nova Zelândia e alguns outros países, há, na real, mais paz, segurança, equilíbrio social, político e econômico e o interesse coletivo está melhor cuidado, com ganhos para todos.

Pena que os "diálogos" entre os líderes das nações muitas vezes são piores do que as conversas nos banheiros dos botecos, sem querer ofender, claro, os simpáticos frequentadores dos pés-sujos, a maior parte trabalhadores, pessoas dignas de respeito e consideração, ao contrário de algumas figuras públicas que estão aí mostrando que o "sapient" não é lá essas coisas e precisa dar um trato no lado humano e na ética.

O ser humano por vezes é demasiado humano e desde os tempos das cavernas fica cobiçando os diversos bens alheios e partindo para a briga, para tomar territórios, riquezas e para saciar a vaidade das vaidades, como nos ensinou o Rei Salomão no livro bíblico Eclesiastes, do Velho Testamento.

Como já disseram, o homem é o lobby do homem, o poder corrompe e o poder absoluto corrompe absolutamente. A democracia segue como o regime menos pior e continua sendo uma construção eterna, apesar de alguns aí quererem enterrá-la para faturar mais em cima dos outros.

Esquerda e direita são conceitos e rótulos centenários que precisam de revisão e que não devem se prestar para detonar o bom interesse coletivo. Na história se sabe que se os coroados não se ligam, o povão perde a paciência e vai para cima.

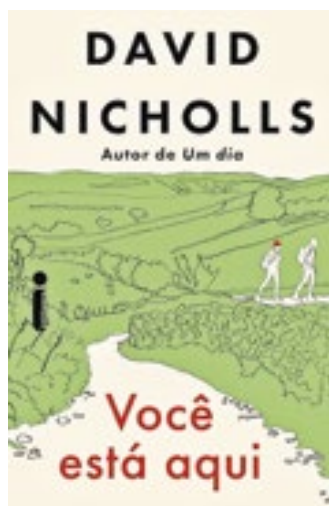
lançamentos



► **A Bíblia do Burnout** (Cultrix, 336 pág, R\$ 59,00), de Rachel Philpotts, nutricionista inglesa especialista em saúde mental, traz uma abordagem natural com rigor científico para combater a fadiga e a sobrecarga emocional e receitas antiestresse práticas e funcionais para recuperar corpo e mente. A obra venceu o People's Book Prize e foi finalista do Business Book Awards.



► **Famílias empresárias brasileiras** (FGV Editora, 168 pág, R\$ 59), de Levindo O.C. Santos, doutor em administração pela FGV Eaes e com quatro décadas de trabalho no mercado financeiro, traz memórias, reflexões e ensinamentos sobre legado, gestão e sucessão e narra casos empresariais de famílias do Grupo Votorantin, Grupo Colombo e G5 Partners, entre outros.



► **Você está aqui** (Editora Intrínseca, 400 pág, R\$ 76,00), de David Nicholls, escritor e roteirista de cinema e televisão, autor do best-seller Um dia, traz o encontro de Michael, destruído pela separação da esposa, com Marnie, abandonada pelo marido. No início foi difícil, mas depois virou história inspiradora de recomeços, primeiros encontros, segundas chances e voltar a estar no mundo.

a propósito

É bom que os donos do poder, da grana, das mídias e dos campinhos espalhados pelo mundo pensem, ao menos de vez em quando ou pelo menos uma vez na vida, que caixão não tem gaveta, que no final do jogo de xadrez dos humanos os peões, as torres, os cavalos, os bispos, os reis e as rainhas vão todos para a mesma caixa.

Enfim, se os "racionais" e "donos da linguagem" se tocarem, quem sabe polarização se torne apenas uma degustação de Polar, inclusive e especialmente para os bipolares e multipolares que estão se multiplicando por aí. Paz, amor e humor para todos! Felizes, curiosos e bem-humorados são a nata da nata humana. (Jaime Cimenti)

sangue novo

A trilogia visual sobre Canoas de Wender Zanon

Joana Luna Camargo

Wender Zanon trabalhava numa casa de shows em Porto Alegre quando a pandemia fechou as portas do local. Desempregado, recorreu a um edital emergencial da Lei Aldir Blanc para tirar do papel uma ideia que, na sua cabeça, seria uma série de entrevistas em formato podcast. Um amigo discordou: “Ele falou que isso ia dar um filme”. Dali nasceu *This is Canoas*, not POA!, em 2021, primeiro trabalho de uma trajetória que hoje soma uma trilogia de documentários sobre Canoas, cidade natal do diretor - o mais recente, *Um Filme de BR*, chega em setembro a dois festivais no México.

Antes do cinema, veio a música.

Aos 17 anos, Wender entrou para o Coletivo B.I.L., de Canoas, organizando shows e tocando em bandas como *Change Your Life*, *Vida Torta*, *Conflito*, *Maskara*, *Paquetá*, *Mal dos Trópicos* e *Assombroso Mundo da Natureza*. Foi assim, cercado por uma cena pouco documentada, que nasceu o impulso de registrar as histórias locais. “Era uma informação oral, restrita a um pequeno grupo”, explica, sobre o que o motivou a fazer *This is Canoas*, not POA!, seu primeiro filme.

Ainda no processo de edição do primeiro documentário, surgiram as ideias que completariam a trilogia: *Ensaio sobre uma Cidade*, de 2024, que questiona os símbolos militares de Canoas a partir da Praça do Avião; e *Um*



JÉSSICA NAKAEMA/DIVULGAÇÃO/JC

Cineasta terá seu *Um Filme de BR* exibido em festivais do México

Filme de BR, de 2025, que encerra o projeto. Se o primeiro filme partiu de uma narrativa já conhecida, o mais recente inverteu a lógica: quatro pesquisadores caminharam por dois meses, quatro horas por dia, cinco dias por semana, pelo trecho da BR-116 que corta Canoas, em busca de personagens ligados à rodovia. “A gente tinha a desculpa de fazer um filme para encontrar um filme”, resume o cineasta, citando o conceito de cinema-dispositivo que hoje orienta seu trabalho. Foram cerca de 60 pessoas encontradas e 20 entrevistadas, resultando nos 17 personagens

que compõem o documentário - um tributo declarado a Eduardo Coutinho, em especial o histórico documentário *Edifício Master*. “Lá, o diretor filmava um condomínio; aqui filmamos uma rodovia repleta de significados”, diz.

A obra teve sessões lotadas em Canoas e Porto Alegre, e já foi exibida em cerca de 30 espaços de ensino da região, além de cineclubes e da Semana Nacional de Museus - uma escolha deliberada de circulação local. “Se a gente conseguisse exibir para metade da população de Canoas, seria um filme super assistido”, pondera Wender, que acredita

esse modelo de distribuição ao “faça você mesmo” da cena musical. No circuito internacional, estreou na Argentina no Festival Construir Cine, em maio, e no Arquiteturas Film Festival, em Portugal, em julho. Agora, terá duas exibições no México: o *Contra el Silencio Todas las Voces*, na Cidade do México, e o *Cine Tekton - Festival Internacional de Cine y Arquitectura*, em Puebla.

Neste ano, Wender divide pela primeira vez a direção de um filme - desta vez, com uma adolescente de 14 anos. Sofia Militão embarcou com uma handycam para registrar a turnê de *As Gineteadas do Valente Toninho Corre Mundo* na Estância de Cidão Dornelles por 18 cidades do interior gaúcho, todas com menos de 20 mil habitantes. O resultado é um filme-diário de estética caseira, inspirado em Jonas Mekas. “Essas imagens muito livres têm uma sensibilidade muito forte, porque são captadas no calor do momento”, conta o cineasta.

Wender também assina as HQs *Gosto Estranho* (2023) e *Diários Metropolitanos* (2025), e já projeta o próximo passo: um documentário em pré-produção sobre Taquara, que refaz os trajetos de um filme gaúcho de 1978.

qual é a boa?

Pois é, sextou. E a equipe de redação do JC está aqui, pronta para ajudar você com sugestões sobre a melhor forma de aproveitar as atrações culturais de Porto Alegre. Vai fazer frio, mas coisa legal não falta - veste o melhor casaco e vem com a gente!



DANI BARCELLOS/ESPECIAL/JC

A Pucrs, estrutura que virou o novo lar do JC, vai receber uma atração imperdível neste sábado. O gigante do nosso cinema Selton Mello oferece uma masterclass em que vai revisitar suas quatro décadas de carreira, através de seu livro autobiográfico *Eu Me Lembro*. O evento é às 20h, no Centro de Eventos da Pucrs e, na compra do ingresso, o participante recebe um exemplar da obra que será apresentada por Selton na ocasião. É uma oportunidade única para ouvir um dos grandes artistas brasileiros compartilhar histórias de sua trajetória na arte do nosso País, refletindo sobre processos de composição de personagens icônicos do nosso imaginário.

Andressa Pufal,
repórter de Cultura do JC



TÂNIA MEINERZ/JC

Minha dica para este sábado é ir ao Bárbaros Cervejas Especiais, que retoma os famosos shows na calçada com a banda tributo a David Bowie, Ziggy Stardust. O supergrupo é formado por Marcelo Astiazara nos vocais, Mumu no baixo, Pedro Petracco no teclado, Gabriel Guedes na guitarra e Elieser Lemes na bateria. Já o repertório passa pelo disco *The Rise and Fall of Ziggy Stardust and the Spiders from Mars*, além de outros sucessos do camaleão do rock, como *Modern Love* e *Heroes*. Já estive na plateia algumas vezes e é realmente uma explosão de som, valendo ressaltar a caracterização do Astiazara como Bowie. A entrada é franca e o show começa às 19h.

Joana Luna Camargo,
repórter-aprendiz do JC



TÂNIA MEINERZ/JC

Para quem gosta de uma nostalgia, *Amanhecer - Parte 2*, capítulo final da Saga *Crepúsculo*, acaba de reestrear nos cinemas. O relançamento dos cinco longas começou no ano passado, celebrando os 20 anos do primeiro livro, publicado em 2005. De lá para cá, as salas de cinema voltaram a exibir a franquia, fenômeno nos anos 2010. Para os Millennials (ou Zillennials, como eu) que viveram intensamente o romance entre a adolescente e o vampiro, é um momento perfeito para matar a saudade da adolescência. De quebra, é uma ótima oportunidade para notar a evolução de Robert Pattinson, o eterno Edward, que só neste ano já estreou cinco novos filmes.

Julia Fernandes,
repórter do GeraçãoE



TÂNIA MEINERZ/JC

Parece que foi ontem, mas não foi: já são 20 anos que os Replantes, banda icônica do punk gaúcho e brasileiro, conta com Julia Barth nos vocais, substituindo (e muito bem) o icônico Wander Wildner. Uma data que será celebrada da melhor forma possível: ao vivo, em pleno Brick dos Desapegos, na rua e de graça, com um espírito punk para ninguém botar defeito. Além do som inconfundível do grupo, dá para fazer um belo passeio pelo Brick, curtindo as opções de moda autoral, brechós, artigos rock e, é claro, boa cerveja e comida de rua. É neste domingo, com o show rolando a partir das 17h30min.

Igor Natusch, editor
de Cultura do JC